

A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA CONCORDÂNCIA VERBAL P6 NO PORTUGUÊS FALADO NO FUNCHAL: ESTUDO PRELIMINAR

Aline Maria Bazenga - Doutoramento em Letras/ Linguística Francesa
 - Professora Auxiliar da Universidade da Madeira
 - Investigadora do CLUL (I&D – FCT)
 aline@uma.pt

Resumo Este estudo integra-se no Projecto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*¹. Neste artigo serão apresentados resultados de um estudo de natureza sociolinguística, o primeiro a implementar a aplicação da metodologia variacionista laboviana² à variedade do português falado no Funchal. No âmbito do Português Europeu (PE), e tendo por objecto a análise do fenómeno de concordância verbal na 3ª pessoa do plural (ou P6), serão aqui apresentados e discutidos os factores linguísticos e sociais mais relevantes, podendo dar origem a estratégias variáveis de concordância verbal nesta variedade insular.

Palavras-chave: Sociolinguística, variação linguística, concordância verbal 6P, português europeu, variedade do Funchal

1. Introdução

A concordância verbal na variedade standard do Português Europeu (PE), entre o sujeito e o verbo, pressupõe a compatibilidade de traços morfológicos entre estes dois constituintes. Controlada pelo sujeito frásico, independentemente da sua posição em relação ao verbo, esta relação é normalmente visível no verbo através da marcação morfológica da categoria pessoa/número, dito de outro modo: a categoria do número do verbo deverá co-variá com o número morfológico do constituinte com função de sujeito, como ilustrado pelos exemplos em (1):

- (1) a. Chegaram os convidados.
- b. As cartas já foram enviadas.
- c. Existem muitos problemas por resolver.
- d. Chegaram os convidados.

O estudo de Peres e Móia (1996), a partir de dados de língua escrita da variedade culta do português, refere que a variação envolve vários planos do sistema linguístico. Um desses domínios é o da concordância verbal. Um dos casos analisados pelos autores, diz respeito à realização variável

da concordância verbal relacionada com o **tipo de sujeito**, que inclui, por exemplo, casos de *concordância parcial* (sujeitos coordenados), em (2) e de *concordância lógica* (sujeitos complexos), em (3) e (4):

(2) a. Impressionam-me o entusiasmo e dedicação destes jovens.

b. Impressiona-me o entusiasmo e a dedicação destes jovens.

(3) a. Vinte estudantes foram a exame. A maioria passou.

b. Vinte estudantes foram a exame. A maioria passaram.

(4) a. Só uma parte dos membros da comissão compareceu.

b. Só uma parte dos membros da comissão compareceram.

(exemplos de Peres e Móia, 1995: 449-450)

Com graus de aceitação variável por parte dos falantes, este dois tipos de “discordância” envolvem, no primeiro caso (cf. (2), a possibilidade de

¹ Projecto desenvolvido em parceria, envolvendo uma equipa de investigadores do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - Brasil) e do Grupo Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL – Unidade I&D – FCT – Portugal). Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no âmbito da participação no Congresso Internacional Línguas Pluricêntricas. Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas (Universidade Católica, Braga, 15 de Setembro de 2010).

² O nosso agradecimento a Juliana Segadas Vianna, doutoranda da UFRJ (Brasil), por todo o apoio prestado na implementação da metodologia variacionista, nomeadamente no tratamento estatístico dos dados com o recurso do Programa Goldvarb 2001.

concordância ou com o SN coordenado (verbo no plural) ou com o constituinte imediatamente a seguir ao verbo (marcação no singular). No segundo caso, a opcionalidade situa-se entre a marcação do verbo no singular, co-variando com a marcação formal e morfológica do constituinte sujeito no singular (maioria, em (3)) ou fazer prevalecer o conteúdo semântico plural que a forma morfológica do sujeito encerra.

Os autores referem como uma outra área crítica da concordância sujeito-verbo, a que pode estar condicionada pelo tipo de verbo e as suas construções. Neste padrão, encontram-se os casos dos verbos *inacusativos* que admitem sujeitos em posição pós-verbal que admitem, como em (5):

- (5) a. Nem ao professor Salazar [...] passaria pela cabeça semelhantes prepotências. (*O Independente*, 24/08/1990, p.III-5)
 b. Desta vez coube-nos em sorte três novelas [...] (*O Jornal Ilustrado*, 12/05/1989, p.20)
 c. Veio-nos à memória as declarações prestadas [...] (*O Independente*, 10/03/1989, p.III-24)
 d. «[...] depois de ter passado séculos [...]» (*Diário de Notícias*, 28/12/1988, p.7)

(exemplos de Peres e Móia 1995: 453)

Costa e Silva (2006) consideram ser esta a única excepção à regra de concordância sujeito-verbo, exemplificada em (1), sendo esta opção circunscrita à fala coloquial:

- (6) a. Arderam muitas florestas
 b. Ardeu muitas florestas (coloquial)

(Exemplos de Costa e Figueiredo Silva, 2006: 98)

Para além dos verbos *inacusativos*, devem ser consideradas algumas construções com o verbo *ser*, com em (7):

- (7) Quanto à deformação administrativa dos ministros, também estou esclarecido: é a tradição e o sistema que a impõem.
 (*Jornal de Letras*, 12/05/1986, p.4)
 (Peres e Móia, 1995: 462)

Em Mota e Vieira (2008) fornecem mais exemplos deste tipo de concordância com o verbo *ser*, como em (8):

- (8) a. é as presidenciais primeiro (...) (CETEMPúblico, Ext 543183 (pol, 92a));
 b. (...) o que nela me interessa não é as formas mas (...) (CETEMPúblico, Ext 1030690 (nd, 92a));
 c. O meu carro é as minhas pernas. (CETEMPúblico, Ext 1232409(soc, 95a));

(exemplos de Mota e Vieira, 2008: 88)

Estes exemplos ilustram, dois tipos de construções (i) identificacionais, como em (9) e (ii) apresentativas, como em (10):

- (9) a. a minha principal preocupação são os incêndios
 b. a minha principal preocupação é os incêndios.
 (10) a. são os meus primos que vêm jantar
 b. é os meus primos que vêm jantar

(exemplos de Mota e Vieira, 2008: 88)

Merece ainda assinalar as construções *clivadas* com o verbo *ser* que admitem diferentes padrões de concordância. De entre este tipo de construções, a *pseudo-clivada invertida* - *é que* (Duarte, 2000; Duarte 2003; Costa e Duarte, 2000; Lobo, 2006; Costa e Lobo, 2009), caracteriza-se pela propriedade de não concordância com o constituinte focalizado, ilustrada pelos exemplos em (11):

- (11) a. os queijos é que os corvos comeram
 b. *os queijos foi que os corvos comeram
 c. *os queijos são que os corvos comeram

Tal acontece também em estruturas *clivadas canónicas*, nas quais o verbo *ser* se mantém não flexionado em tempo e em modo e sempre no singular, « (...) não podendo concordar com a expressão nominal que ocorre no interior da expressão preposicionada focalizada» (Peres e Moia, 1995: 467). Veja-se os exemplos (12) a (14), indicados por estes autores, abaixo:

(12) a. É de bolos de chocolate que o Paulo gosta.

b. *São de bolos de chocolate que o Paulo gosta.

(13) a. Foi aos seus colegas de trabalho que o Paulo me apresentou.

b. *Foram aos seus colegas de trabalho que o Paulo me apresentou.

(14) a. *Foram sobretudo de enlatados, açúcar, arroz, feijão, leite, batatas e bacalhau...que os consumidores portugueses se rechearam (...)
(Expresso, 26/01/1991, p.40-R)

b. Foi sobretudo de enlatados, açúcar, arroz, feijão, leite, batatas e bacalhau...que os consumidores portugueses se rechearam (...)

Para além dos dados referentes à variedade culta do PE, com base em análises de amostras de língua escrita, os dados do PE dialectal oferecem vários exemplos de concordância *não-standard*, relacionados com o tipo de sujeito, como é o caso com a gente, em dialectos insulares (Martins, no prelo), ilustrados pelos exemplos em (15), e retirados do *Corpus CORDIAL-SIN*:

(15) a. Não sabem o que a gente se passámos aí.
(CORDIAL-SIN. CLC)

b. Leis! Como a gente se falámos ainda agora.

(CORDIAL-SIN. CLC)

c. A tesoura que a gente se tosquiavam as ovelhas!

(CORDIAL-SIN. MIG)

d. A gente pegavam-lhe pela cabeça...

(CORDIAL-SIN. MIG)

Os dados (15a-b) são relativos à Madeira (Câmara de Lobos) e (15c-d) são atestações recolhidas nos Açores (S. Miguel).

Em Carrilho (2003), é possível encontrar um conjunto de exemplos retirados de vários estudos (cf. (16)) e extraídos do *Corpus CORDIAL-SIN* (cf. (17)), nos quais a não concordância ocorre em contextos de sujeitos pós-verbais:

(16) a. tava lá já as criadas

(Azóia, Marques 1968: 61)

b. já bai os pães feitos

(Quadrazais, Braga 1971: 172)

c. É um terreno que se caia em volta pra

que não entre lá gados... (Odeleite, Segura da Cruz 1969: 154)

d. punhom-se pela cabeça, condo morria pessoas de família chigada...

(Odeleite, Segura da Cruz 1969: 154)

e. às vezes fic'ái poças fêtas por a água

(Odeleite, Segura da Cruz 1969: 154)

(17) a. Há, porque uma pessoa às vezes vai à sardinha, (...) vai à sardinha com as peças, com aquelas redes, ainda vem algumas. (VPA53)9

b. Veio aqui (...) umas máquinas por conta do governo. (PST07)

c. Mas depois vai as toucas atrás. (PAL33)

d. Há aqui um regato, conforme vai estes ribeirozitos. (PFT42)

e. Nunca mais apareceu esses cardumes aqui (...) desse peixe. (VPA53)

f. E, (à vez) (às vezes), já tem aparecido homens assim a falar. (PAL16)

g. Aqui há anos, nascia aqueles pezinhos de erva aí nos buracos, nas correntes de água, entre meio das silvas, às vezes por baixo de uma figueira. (PAL01)

h. (Aquilo é) (Aqui numa) planície grande. Já lá tem pousado até aviões de emergência. (PFT35)

Os diversos apontamentos aqui apresentados permitem observar algumas tendências relativamente ao fenómeno da variação da concordância verbal no PE. A configuração dessas tendências, em termos de difusão e de frequência, é ainda desconhecida, uma vez que, como referido por Mota e Vieira (2008: 95) «não estar ainda feito um estudo variacionista sobre o PE comparável ao que existe para o PB». Com efeito, no PB, a extensa investigação sociolinguística desenvolvida nos últimos trinta anos tem mostrado que o fenómeno da concordância verbal constitui uma variável linguística abrangendo duas variantes (presença ou ausência de marca formal de plural no verbo) e que esta variação se deve, para além de factores internos, a factores sociais.

Tendo como referência os estudos variacionistas realizados sobre a aplicação da regra da concordância verbal no PB por um lado, e os resultados do trabalho já efectuado neste domínio relativamente ao PE, a investigação realizada no Funchal, incidindo apenas sobre a concordância verbal de 6P, e cujos resultados se apresentam, constitui uma primeira aplicação da metodologia

variacionista laboviana e a ocasião para discutir algumas das hipóteses referenciadas sobre variação da concordância verbal no PE que são, em síntese, as seguintes:

- (i) concordância como estratégia mais significativa, através da marcação da categoria número no verbo, com graus de visibilidade distintos consoante as variantes PN6 *standard* e *não-standard*;
- (ii) concordância parcial relacionada com o tipo de sujeito (complexo e coordenado);
- (iii) não concordância quase exclusivamente relacionada com o tipo de verbo (nomeadamente, verbos *inacusativos* e verbo *ser*, por admitirem posições variáveis para o sujeito), e em correlação com a posição de sujeito invertido, correspondendo à ordem VS.

2. Metodologia e corpus utilizado

A metodologia utilizada neste estudo inscreve-se na perspectiva teórica da Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2001) e que tem por objecto de estudo o uso da língua numa comunidade de fala, ou variedade linguística. A investigação sociolinguística parte da percepção de que a língua é inerentemente dinâmica e sujeita à mudança e do pressuposto de que esta variação inerente não é aleatória mas sim governada por regras. Fazem parte da Teoria da Variação os seguintes objectivos:

- (i) investigar o grau de estabilidade de um fenómeno variável;
- (ii) diagnosticar as circunstâncias que promovem ou inibem os usos alternativos;
- (iii) prever o comportamento sistemático e regular da variação.

As formas variantes de um determinado fenómeno variável são analisadas a partir da correlação entre os factores internos ou linguísticos e os factores externos ou extra-linguísticos (sociais) ao sistema (Mollica e Braga, 2003). Assim, numa abordagem sociolinguística da variação torna-se essencial considerar os usos linguísticos nos seus

contextos socioculturais uma vez que a explicação para um fenómeno variável não se encontra apenas relacionada com factores internos ao sistema linguístico, mas também com factores externos.

Em concordância com estes pressupostos básicos, foram desenvolvidos modelos matemáticos que permitem o tratamento estatístico dos dados linguísticos, no sentido de determinar os factores mais importantes na análise da variação. O modelo proposto por Rousseau e Sankoff (1978) permite calcular os pesos relativos de cada factor em relação à variável linguística dependente, possibilitando a investigação do papel de cada restrição sobre o fenómeno variável. Para a aplicação desse modelo matemático, foi concebido o programa computacional Goldvarb 2001 para Windows (Lawrence, Robinsosn & Tagliamonte 1999)³, composto por dois arquivos, um executável – o programa propriamente dito – e um de texto. Esse programa executa as mesmas funções do Checktok, Readtok, Makecel (ou Make3000), nomeadamente, e entre outras, a capacidade de projectar pesos relativos para análises binárias e efectuar a tabulação cruzada de duas variáveis independentes, previamente estabelecidas.

• Corpus MAD-FNC e amostra seleccionada

Com o objectivo de obter amostras de excertos de fala espontânea, dentro dos parâmetros metodológicos variacionistas, optámos por constituir um corpus próprio: o Corpus MAD-FNC⁴. Este Corpus é constituído por 8h45m de fala, correspondentes a 21 entrevistas gravadas com informantes residentes na cidade do Funchal, organizados com base em três dimensões de estratificação social: *sexo, faixa etária e nível de escolaridade*.

As entrevistas foram realizadas no período de Abril a Junho de 2010. No sentido de obter dados de fala espontânea, cada entrevista tem uma duração que se situa entre 30 a 45 minutos.

A amostra seleccionada para análise, a partir dos recursos disponibilizados pelo Corpus MAD-FNC, reúne um conjunto de dados que procura ser o mais representativo da variedade de português falado no Funchal. Respondendo a este critério, foram seleccionados os dados de 16 informantes, todos residentes no Funchal, correspondendo à seguinte distribuição:

- **Sexo:**

Homem: 8 informantes
Mulher: 8 informantes

- **Faixa Etária:**

A (18-35 anos): 5 informantes
B (36-55 anos): 5 informantes
C (56-75 anos): 6 informantes

- **Nível de Escolaridade:**

Nível 1 (analfabetos até ao 1º Ciclo do Ensino Básico): 4 informantes

Nível 2 (2º e 3º ciclo Básico e Secundário): 6 informantes

Nível 3 (Superior): 6 informantes

Dos 16 informantes, 12 nasceram no Funchal e os 4 nasceram noutras localidades da Madeira (Calheta, Ponta do Sol e Santa Cruz). A amostra (cf. **Quadro 1**) apresenta uma célula vazia, correspondendo à falta de dados correspondendo às características sexo feminino, faixa etária A e nível de escolaridade 1.

Factores	Nível 1 Escolaridade		Nível 2 Escolaridade		Nível 3 Escolaridade	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa A > 95						
Faixa B 95-99	FNC-HB1					
Faixa C +99			FNC-HC2.1			
		FNC-MC1.2 (Calheta)			FNC-HC3.2	

- **Variáveis independentes e factores seleccionados**

Considerando que a variação linguística não é aleatória, a sua análise pressupõe a selecção de conjuntos de contextos linguísticos e sociais que podem favorecer o uso de uma ou outra variante da variável (dependente) em estudo. Estas restrições, denominadas grupo de factores ou variáveis independentes, permitem testar hipóteses a respeito das diferentes estratégias utilizadas pelos falantes relativamente a determinado fenómeno linguístico.

Para além das variáveis extralinguísticas (*sexo, faixa etária e nível de escolaridade* do entrevistado) e linguísticas exaustivamente estudadas e publicadas na vasta literatura existente no âmbito investigação variacionista no PB, Naro e Scherre (1997, 1999, 2000, 2003), Naro (2003) e Scherre (1992, 1994) (*posição do sujeito em relação ao verbo, saliência fónica, caracterização semântica do sujeito, tipo de verbo e tempo verbal*), incluímos, com base numa análise preliminar das transcrições da amostra de fala, a variável **morfologia verbal**. As variáveis linguísticas listadas sofreram algumas adaptações no quadro deste trabalho.

- **Caracterização semântica do sujeito**

Nesta variável, controlámos apenas o papel desempenhado pelo traço [HUM] dos núcleos nominais do constituinte SN sujeito, excluindo, por isso, as formas de realização pronominal. Tivemos em conta também a hierarquia de animacidade proposta por Croft (2003: 130), tendo sido seleccionado o traço [HUM] por este ser o mais saliente dentro da escala proposta: *humano < animado < inanimado*. Esta opção vai também ao encontro dos dados apresentado em Scherre, Naro e Cardoso (2007) e nos quais este traço aparece associado como relevante para a análise da concordância verbal de 6P na variedade do PB. Nos resultados obtidos neste estudo, um sujeito com traço [+hum] tende a favorecer a concordância. A presença de um sujeito [-hum] favorece, pelo contrário, a ausência de marca de número no verbo.

- **Saliência fónica**

Neste estudo, aplicámos a tipologia de saliência fónica (cf. Quadro 2) proposta por Mota e Vieira (2008) que, tal como nos estudos de referência, contempla dois níveis: o *nível 1* (grau de oposição singular/plural fraco) inclui formas verbais P3-P6 em que o acento se mantém, e onde a probabilidade de ocorrer ausência de concordância é maior; o *nível 2* (grau de oposição singular/plural forte) é caracterizado por maior quantidade de di-

³ Sobre o modelo e a sua aplicação ver Naro 2003 e Scherre 2003.

⁴ O projecto Corpus MAD-FNC teve início em 2010 no âmbito da participação do Projecto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias (UFRJ (Brasil) e CLUL – I&D – FCT (Portugal)). Uma primeira colecta de dados foi realizada, entre Abril e Junho de 2010, por estudantes do 2º ano do Curso de Ciências da Cultura da Universidade da Madeira no âmbito da disciplina de Linguística Portuguesa. As transcrições das gravações encontram-se em fase de revisão.

ferenças de material fonético nas formas P3-P6, sendo essas diferenças responsáveis por maiores índices de realização da concordância verbal.

P3/P6 Categoria Número (oposição singular/plural)							
Nível 1 Oposição fraca				Nível 2 Oposição forte			
Exemplos	Diferenciação fonética-fonológica			Exemplos	Diferenciação fonética-fonológica		
<i>corar</i> <i>focomeu</i> <i>quis/querem</i>	Nasal	qualidade do V1		<i>ds /dão</i>	Nasal	Ditong	
<i>falar/falam</i>	Nasal	ditongação fonética		<i>vs /vão</i>	Nasal	Ditong	
<i>faz/fazem</i> <i>quis/querem</i>	Nasal	Consoante final (/s/ e /r/)		<i>comeu/comeram</i> <i>vive/vivam</i>	Nasal	Ditong	Sema Vagal
Em todos estes casos o acento mantém-se				<i>falar/falam</i>	Nasal	Ditong	Acento
				<i>dizer/dizem</i>	Nasal	Ditong	Acento
				<i>quis/querem</i>	Nasal	Ditong	Acento
				<i>teve/teram</i>	Nasal	Ditong	Acento
				<i>é/são</i> (caso único)	diferenciação fonética total entre as formas singular e plural		
				<i>ver/viram</i> (caso único)	diferenciação fonética entre as formas singular e plural quase completa – apenas um fonema se mantém inalterado nas duas formas /r/		

O **Quadro 2** apresenta, em síntese, a tipologia de saliência fónica adoptada. Nos parâmetros diferenciados de P3-P6, para além da manutenção do acento, são considerados outras propriedades, tais como as do traço de nasalidade, característico de P6, e processos fonético-fonológicos, tais como a ditongação e alterações vocálicas que ocorrem nas VT e nos radicais verbais.

• Tipo de verbo

Dentro desta variável, e por se tratar de um estudo preliminar, optámos por reter os seguintes factores: verbo *ser*, verbos *inacusativos*, verbo *ter* e *outros*. Para os verbos *inacusativos*, utilizamos como referência a classificação proposta por Duarte (2003: 507-548) e que contempla três subgrupos de verbos que denotam:

(i) eventos com uma causa interna (verbos não-agentivos): reacção física ou psíquica de emissão perceptível através dos sentidos (*corar*, *empalidecer*, *desmaiar*, *explodir*) e uma mudança de estado devida a uma causa interna (*crescer*, *nascer*, *florescer*);

(ii) uma direcção inerente (*ir/vir*, *entrar/sair*, *chegar/partir* e aqueles que denotam uma mudança de posição, (*deitar(se)*, *levantar(se)*);

(iii) existência (*existir*, *constar*, *haver*); verbos locativos (*morar*, *residir*, *viver*) e os que indicam carência (*faltar*, *escassear*). Entre os verbos de aparição, incluem aqueles que expressam a entrada em cena/saída de cena de uma entidade (*aparecer*, *brotar*, *surgir*, *desaparecer*, *sumir*); verbos que remetem para a ocorrência de um evento (*levar* (= *passar(se)*), *acontecer*, *ocorrer*, *passar(se)*).

A categoria *outros* desta variável inclui, assim, vários tipos de verbos e construções, nomeadamente, verbos cópula / ligação outros que o verbo *ser*, verbos transitivos, verbos intransitivos, sem as propriedades dos inacusativos, verbos auxiliares e modais. Pretendemos deste modo, numa fase inicial de investigação, observar o comportamento dos verbos destacados (*ser*, *inacusativos* e *ter*) e os seus prováveis efeitos na realização variável da concordância verbal de P6.

• Tempo verbal

Para esta variável são considerados os factores relacionados com a categoria verbal T independentemente da categoria modo.

• Morfologia verbal

A selecção desta variável prende-se com a decisão de observar o efeito de formas verbais de P6 *não standard*. Atendendo aos padrões de variantes não-standard referidos na introdução e às oito variantes atestadas numa variedade do PE, referente à zona mais a norte do rio Douro e que estas variantes «podem corresponder a um tipo diferente de concordância verbal motivado por questões morfológicas e/ou fonológicas, por vezes associadas a itens verbais específicos» (cf. *Corpus PE1*, em Mota e Vieira, 2008) pretendemos, tal como as autoras, validar a hipótese formulada segundo a qual existiria em concorrência, na língua, a influência de «vectores sintácticos e morfológicos/fonológicos, assim como fenómenos fonéticos, cuja relevância é variável, conforme as variedades».

Assim, com as especificações descritas, apresentamos, no Quadro 3, uma síntese das variáveis e dos factores seleccionados e controlados.

Linguísticas			Extra-linguísticas (sociais)		
Variáveis		Factores	Variáveis		Factores
1	Posição de S	SV VS	7	Sexo	Homem Mulher
2	Tipo semântico de S	+hum -hum	8	Faixa Etária	A (18-35 anos) B (36-55 anos) C (>56 anos)
3	Tempo Verbal	Presente Passado Futuro	9	Nível de Escolaridade	1 (até ao 2º ciclo do Ensino Básico) 2 (3º ciclo do Ens. Básico/Ens. Sec.) 3 (Ensino Superior)
4	Tipo de Verbo	Ser Ter Inacusativo Outros			
5	Saliência Fónica	Nível 1 Nível 2			
6	Forma morfológica de P6	padrão Não-padrão			

Quadro 3 - Conjunto de Variáveis/Factores controlados

3. Resultados

• Produtividade da concordância verbal

Do total de 1217 dados registámos 1026 ocorrências de concordância com formas verbais na terceira pessoa do plural (P6) e 191 casos em que a forma verbal não se apresenta na forma morfológica esperada, podendo ocorrer formas verbais de terceira pessoa do singular (P3) ou formas verbais com sufixo de número/pessoa não padrão (variantes PN6 não-standard). A estratégia que corresponde à aplicação da regra de concordância verbal de acordo com a variedade *standard* do PE é a mais significativa, correspondendo a 85% do total dos dados (cf. Gráfico 1).

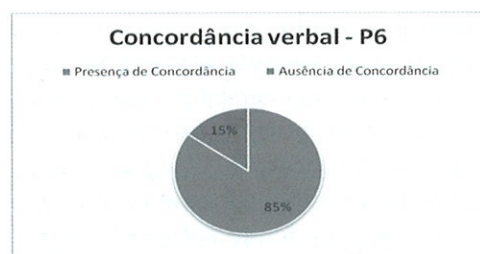


Gráfico 1 - Concordância verbal P6 na variedade de português falado no Funchal

• Factores que favorecem a ausência de marca de concordância 6P

Dos 9 grupos de factores seleccionados para o presente estudo, e de acordo com os quais foram codificados os dados para serem submetidos ao programa Goldvarb2001, podemos observar os seguintes resultados preliminares:

(i) as variáveis linguísticas significativas e que favorecem a ausência de marca de concordância são: (i) *posição do sujeito*, (ii) *tipo semântico do sujeito*, (iii) *saliência fónica*.

(ii) a única variável social significativa é o *nível de escolaridade* dos informantes.

A Tabela 1 sintetiza estas tendências, apresentando os totais relativos às ocorrências, percentagem e pesos relativos de cada um dos factores referidos e que tendem a favorecer a estratégia de ausência de marca de número no verbo.

Factores		Não Concordância		Peso relativo
		Ocorrências/Total	%	
1	Posição de S : Pós-Verbal	73/123	59%	.82
2	Tipo semântico de S : N [-hum]	92/237	38%	.71
3	Escolaridade : Nível 1	92/387	23%	.63
4	Saliência Fónica : Nível 1	139/856	16%	.57

Tabela 1 - Factores significativos na não concordância

Os sujeitos pós-verbais e sujeitos com traço [-hum] assim como formas verbais de saliência fónica de nível 1 são os factores que mais favorecem a estratégia de ausência de marcação da concordância verbal. O nível de escolaridade mais baixo (nível 1) também parece condicionar este tipo de estratégia. Os exemplos (17) e (18) ilustram as estratégias de concordância e de não concordância, respectivamente, como resultado deste conjunto de factores:

(17) a. as pessoas tentam educar os seus filhos (HC2-503)

b. porque os pais vivem stressados muitas vezes dão mais prioridade ao trabalho (HC2-520)

18) a. eu ainda não tinha nascido faltava meses (MC3-1128)

b. não foi influências de meu pai (HB2-426)

O gráfico 2 permite uma melhor percepção das duas estratégias de concordância verbal de P6, quando considerados os factores *sujeito pós-verbal*, *traço [-hum]* dos núcleos nominais dos SN *sujeito* e *saliência fónica de nível 1* da forma verbal.

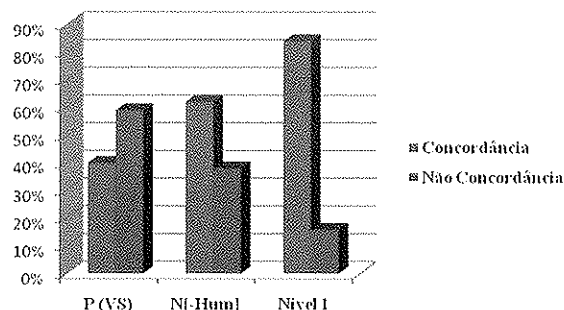


Gráfico 2 - Factores e percentagens de concordância / não concordância verbal P6

• Saliência Fónica

Relativamente a este factor, os dados mostram (cf. Gráfico 2) apenas 16% de ocorrências de ausência de marcação em número da concordância verbal, o que corresponde à realização da forma P3. Em (19), apresentam-se alguns exemplos com o verbo *ter*, e em (20), dados com outros verbos:

- (19) a. os pais tem que controlar os filhos (HA1-64)
 b. as pessoas tem um segundo emprego (MA3-862)
 c. e as empresas não tem condições (HC3-1020)
 d. os outros tinha as costas quentes (MC2-708)
 e. houve crianças as que tinha mais dinheiro (MC3-1145)

- (20) a. estes quadros representa a vida antiga (HC1-175)
 b. as mulheres assujeitava-se a muita coisa (MC1-232)
 c. [eles] saía mais juntos (MC1-331)
 d. os cá de fora que se lixé (MC2-599)
 e. coisas que resolve-se facilmente (HA3-770)
 f. estas festas temáticas no mundo rural obriga-nos (HB3-878)
 g. e [eles] fique mais em casa (MC1-253)

Os exemplos (19) a (20) mostram diversos casos de isomorfismo na marcação morfológica de pessoa/número no verbo. Nos casos em que o tempo verbal corresponde ao Presente Indicativo, encontramos formas isomórficas P3 = P6 (*tem*, *representa*, *resolve-se*, etc.); no caso em que está em causa o Pretérito Imperfeito do Indicativo, o

isomorfismo estende-se a P1=P3=P6 (*tinha*, *saía*, etc.). Por outro lado, assinala-se ainda o facto da forma verbal *tinha*, em (16c-d) e das formas verbais sublinhadas em (20) se integrarem no padrão 6 das variantes de P6 *não-standard* referido na introdução deste trabalho, e caracterizadas pela presença de uma vogal final desnasalizada.

A respeito das formas isomórficas, Mota e Vieira (2008) observam que a «própria gramática do português admite diversos casos de isomorfismo que redundam em ambiguidade de marcação morfológica da categoria da pessoa verbal: nos verbos regulares, P1 e P3 são isomórficas em 7 sobre 10 paradigmas» que são: imperfeito do indicativo e conjuntivo (*cantava* e *cantasse*), condicional (*cantaria*) presente e futuro do conjuntivo (*cante*, *cantar*), infinitivo flexionado (*cantar*) e mais-que-perfeito simples (*cantara*). A questão que as autoras colocam, como já referenciado, mas acrescentado o facto de se observar, em realizações dialectais do PE, uma tendência para a marcação diferenciada de pessoas verbais (P1 “truxe” - P3 “trouxe” ou ainda P1 (esteve) e P3 (“esteve”) é se, nos casos de isomorfismo, como em (19) e (20) se estamos perante uma estratégia de ausência de concordância verbal, ou se trata de um fenómeno de concordância verbal invisível, isto é, sem marca explícita de P6. A interpretação em favor de um ou de outro caso, requer, em nosso entender, a análise exaustiva de maiores quantidades de dados empíricos.

• Sujeitos Pós-verbais

De entre os factores que mais efeitos exercem sobre a realização variável da concordância verbal de P6, a *posição pós-verbal do sujeito* é o único que resulta em valores de não concordância superiores aos da concordância (cf. Gráfico 2). A estratégia caracterizada pela ausência de marcação de número através de um sufixo P6 é a mais frequente dentro da variedade considerada, atingido 59% do total dos casos atestados, confirmando assim a hipótese apresentada inicialmente.

A partir destes resultados globais, procurámos estabelecer correlações com os outros factores significativos de modo a observar quais os eventuais efeitos obtidos.

• Sujeitos pós-verbais e tipo semântico do sujeito

Em contextos em que o constituinte sujeito se encontra linearmente depois do verbo e o seu núcleo nominal tem a propriedade [-hum] a probabilidade de o verbo não ser marcado em número aumenta, passando de 59% para 68% (cf. Tabela 2).

Variáveis / Factores		1 Posição de S							
		SV				VS			
		Concordância		Não Concordância		Concordância		Não Concordância	
		At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%
T Sem de N (SN) _{adj}	N [-hum]	109/144	76%	35/144	24%	24/77	31%	53/77	69%
Total: 539	N [+hum]	243/281	86%	38/281	14%	19/37	51%	18/37	49%

Tabela 2 - Correlação de factores: Posição de S e Traço semântico [HUM] de S

Os exemplos (21) e (22) ilustram alguns dos resultados obtidos a partir da correlação estabelecida:

(21) a. **coisas**[-hum] que resolve-se facilmente (HA3-770)

b. **as pessoas**[+hum] tem um segundo emprego (MA3- 862)

(22) a. **era o tony e o José paulo** [+hum] (HB2-424)

b. o resto era era era brincadeiras [-hum] (HB2-425)

c. juntava-se **os grupos** [+hum] (MC1-218)

• Sujeitos pós-verbais e saliência fónica do verbo

Quando a posição pós-verbal está correlacionada com formas verbais de saliência fónica de nível 1, a percentagem de casos de não concordância aumenta, passando para 68%, tal como verificado na correlação com sujeitos marcados pelo traço [-hum] e referidos no ponto anterior (cf. Tabela 3).

Variáveis / Factores		1 Posição de S							
		SV				VS			
		Concordância		Não Concordância		Concordância		Não Concordância	
		At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%
Sal. Fónica	Nível 1	392/462	85%	70	15%	18/57	32%	39/57	68%
Total: 753	Nível 2	152/168	90%	16	10%	32/66	48%	34/66	52%

Tabela 3 - Correlação de factores: Posição de S e Saliência fónica do verbo

• Sujeitos pós-verbais e nível de escolaridade

Os dados mostram que a estratégia de não concordância com sujeitos pós-verbais é quase categórica quando se trata de falantes de nível de escolaridade baixa. As ocorrências deste tipo representam 84% em informantes de nível 1 de escolaridade e 37% em informantes cultos, como nível de escolaridade 3, como ilustrado na tabela 4, a seguir:

Variáveis / Factores		1 Posição de S							
		SV				VS			
		Concordância		Não Concordância		Concordância		Não Concordância	
		At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%	At./T.	%
Escolaridade	Nível 1	161/202	80%	41/202	20%	8/49	16%	41/49	84%
Total: 552	Nível 3	229/225	90%	26/225	10%	29/46	63%	17/46	37%

Tabela 4 - Correlação de factores: Posição de S e Nível de escolaridade dos informantes

O nível de escolaridade tem sido investigado (entre outros, Silva e Scherre (1996) como um dos factores responsáveis pela maior incidência de usos de variantes *não-standard* e da não realização da concordância verbal. A nossa pesquisa permitiu confirmar esta hipótese. Os valores obtidos são tão mais significativos quanto eles correspondem a uma certa assimetria na colecta dos dados. Com efeito, os resultados totais dizem respeito a 4 informantes com nível de escolaridade 1 e a 6 informantes para cada um dos outros dois níveis (2 e 3). O gráfico 3, incluindo dados dos informantes de nível 2, permite visualizar os contrastes sociais na realização variável de concordância verbal P6 na variedade de língua falada na cidade do Funchal.

Posição VS

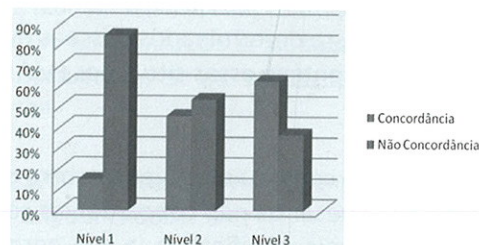


Gráfico 3 - Concordância verbal P6 e nível de escolaridade dos informantes

• Sujeitos pós-verbais e tipo de verbo

Quando considerados os dois tipos de verbos, inacusativos e ser, as percentagens de ausência de concordância de P6 aumentam significativamente, tal como esperado. No entanto, os dados retirados da amostra revelam comportamentos distintos, na presença destes dois tipos de verbos. No contexto em que a pós-posição do sujeito ocorre com verbos inacusativos, a não-concordância atinge valores quase categóricos, como dão conta os 92% dos casos atestados (Cf. Tabela 5).

Variáveis/ Factores		Total At.	INACUSATIVOS			
			Concordância		Não Concordância	
1	Posição de S	SV	At.	%	At.	%
			27	77%	8	23%
2	Traço Sem. de N (SN) _{es}	VS	1	8%	11	92%
		N [+hum]	6	47%	9	53%
		N [-hum]	13	65%	7	35%
			20			

Tabela 5 - Correlação Posição de S e Tipo de verbo (inacusativos)

Os exemplos (23) e (24), extraídos da amostra, dão conta da realização da ausência da concordância verbal com verbos inacusativos em contextos de sujeitos pré-verbais e pós-verbais, respectivamente:

- (23) a. elas à que chegava à escola (MB1-6)
 b. os carros vinha aos salabancos (MC1-229)
 c. muitos divórcios acaba por um dos conges (MC1-237)
 d. professores como em todas as escolas existe – (MA3-823)

- (24) a. aconteceu casos engraçados (MC1-247)
 b. saía mais juntos (MC1-331)
 c. ela disse quando acabou as aulas (MB1-10)
 d. quando chegava os meus primos (MB1-13)
 e. e existe aqueles conhecidos por interesse (MA3-806)
 f. existe determinados pessoas (MA3-807)
 g. acontece essas situações (MA3-863)

Quando o constituinte sujeito ocorre depois do verbo ser, apesar da não concordância ser ainda a estratégia mais significativa, a sua percentagem desce para os 54% (cf. Tabela 6).

Variáveis/ Factores		Total At.	SER			
			Concordância		Não Concordância	
1	Posição de S	SV	At.	%	At.	%
			102	80%	26	20%
2	Traço Sem. de N (SN) _{es}	VS	45	47%	51	53%
		N [+hum]	65	55%	54	45%
		N [-hum]	62	72%	24	28%
			86			

Tabela 6 - Correlação Posição de S e Tipo de verbo (ser)

Apresentam-se em (25) e (26), casos de não concordância atestados com o verbo ser com sujeitos pré-verbais e sujeitos em posição pós-verbal:

- (25) a. porque também prontos os filhos é importante (MA2-419)
 b. os jornais que é sempre uma fonte de aborrecimento (HB3-879)
 c. as dificuldades [...] é igual às dificuldades (HC3-1013)
 d. os professores chamados oficiais que era do dos públicos (MC3-1150)
 g. os estacionamento aqui no Funchal é uma vergonha tudo pago (HA1-65)
- (26) a. e acolá é os pratos de cozinha (MC1-216)
 b. era só novelas (MB1-3)
 c. era era praí dois ou três alunos de cada escola (HA2-396)
 d. por exemplo era mais as as mulheres (HA2-397)
 e. aqueles vestidos era de chita largos (MB1-17)
 f. era essas coisas que eu estranhava (MC2-598)

4. Considerações finais

Em síntese, o conjunto de dados obtidos constitui um contributo para a análise da dimensão da concordância verbal P6 no PE. Os resultados confirmam as hipóteses apresentadas inicialmente e mostram a relevância da consideração dos factores sociais para a análise da realização variável da concordância verbal P6 no PE. É também significativa a observação da existência de variantes *não-standard* de PN6 na variedade falada no Funchal.

Para além da necessidade de prosseguir a investigação através da colecta de dados de fala não só no Funchal mas noutras localidades da Ilha da

Madeira, e de proceder à sua análise de acordo com a metodologia variacionista, julgamos ser necessário aprofundar uma série de outras questões, nomeadamente a análise fonética das variantes PN6 de modo a obter descrições mais precisas e rigorosas. Os trabalhos mais recentes no âmbito das descrições do falar do Funchal (Andrade Pardal, 1994) e dos dialectos madeirenses (Segura e Sarago, 1999) não fornecem dados empíricos que possam explicar as singularidades das variantes não-standard de PN6 atestadas neste estudo, o que nos leva a pensar que estas formas possam não estar ligadas a restrições de ordem fonética-fonológica exclusivas das variedades da Ilha da Madeira.

Por outro lado, uma vez que as variantes *não-standard* não apresentam a distribuição já referenciada em outras variedades do PE, julgamos pertinente encarar a hipótese de que esta singularidade possa estar relacionada com factores sócio-históricos, e de processos decorrentes de situações de contacto linguístico. Chambers (2000) afirma que numa situação em que pessoas de diferentes regiões estão em contacto, podem ser observadas várias diferenças nas suas falas e que esta "mescla" é reconhecida como uma força na mudança linguística. Num estudo desenvolvido em 1994, incluiu na sua investigação a figura do *não-nativo*. Procurou implementar mecanismos que pudessem agrupar os *não-nativos* de modo a poder compará-los com os *nativos*, criando a variável *Índice de Regionalidade*, a partir de dados obtidos do questionário *Topografia de Dialecto*. Este questionário integrava quatro componentes principais: (i) o lugar onde o falante foi criado (de 8 a 18 anos); (ii) o lugar onde o falante nasceu; (iii) o lugar onde o falante vive no momento da pesquisa; e (iv) o lugar onde os pais do falante nasceram. Cada informante recebeu um *index score* de 1 a 7, correspondendo 1 a um informante nativo autêntico, que nasceu, foi criado e vive na região, e 7, considerado o autêntico não-nativo, ou seja, aquele que vive na região, mas nasceu e foi criado fora. Este *Índice de Regionalidade* permite assim obter uma medida bruta dos vínculos do falante a uma região e observar, de modo mais rigoroso, os efeitos sociolinguísticos da mobilidade.

Atendendo a que a Madeira é, desde o seu povoamento, palco de migrações, a inclusão de uma variável extra-linguística deste tipo, permitira desenharmos o perfil sociolinguístico de cada uma das variantes *não-standard* PN6, apoiada num con-

junto sólido de dados sócio-históricos relativos aos diferentes movimentos migratórios, desde os descobridores insulares aos diferentes cenários de contacto linguístico resultantes de emigrações, regressos e imigrações.

5. Bibliografia

- ANDRADE, E., (1994), "Algumas particularidades do português falado no Funchal", *Actas do 9º Encontro Nacional da APL*, pp.17-30
- CARRILHO, E, (2003), "Ainda a 'unidade e diversidade da língua portuguesa': a sintaxe" In: I. Castro e I. Duarte (orgs.) *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. 2*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp.19-41.
- CHAMBERS, J. K. et al. (orgs), (2008), *The handbook of language variation and change*, Malden, MA and Oxford, Blackwell.
- CHAMBERS, J. K, (2000), "Region and language variation", *English World-Wide*, 21, pp. 1-31.
- COSTA, J., (2001), "Postverbal subjects and agreement in accusative contexts in European Portuguese", *The Linguistic Review*, 18, pp. 1-17.
- COSTA, J., e M. Figueiredo, (2006), "Notas sobre a concordância verbal e nominal em português", *Estudos Lingüísticos*, XXXV, pp.95-109.
- COSTA, J. e M. Lobo, (2009), "Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não standard", In: D. Hora (org.) *Anais - VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa, Ideia, vol.2.
- CROFT, W., (2003), *Typology and Universals*, 2nd. Ed., Cambridge, Cambridge University Press.
- DUARTE, I., (2003), "A família das construções inacusativas", In: MIRA MATEUS et al., *Gramática da língua portuguesa*, 5. ed. Lisboa, Caminho, pp. 507-548.
- LABOV, W, (2008), "Quantitative Reasoning in Linguistics", *Linguistics* 563.
- LABOV, W., (1972), *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

- LABOV, W., (1994), *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, vol. 1, Oxford, Blackwell.
- LAWRENCE, H., J. S. & Tagliamonte, S. (1999), Goldvarb 2001. *A multivariate analysis application for Windows*. Inédito
- LOBO, M., (1995), "Fenómenos relacionados com o Parâmetro do Sujeito Nulo em português", *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza, Palermo, 18-24 settembre 1995*. Niemeyer: Tübingen.
- LOBO, M., (2006), "Assimetrias em Construções de Clivagem do Português: Movimento vs. Geração na Base, *XXI Encontro Nacional da APL Textos selecionados*, APL, Lisboa, pp. 457-473.
- MARTINS, A. (no prelo), "Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal se, In: J. Quer e P. Sleeman (eds), *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins.
- MARTINS, A., (2003), "Construções com se: Mudança e variação no português europeu", I. Castro e I. Duarte (orgs), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, Vol. 2. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 163-178.
- MOLLIKA, M. e Braga, M. (orgs.) (2004), *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto.
- MOTA, M. e S. Rodrigues, (2008), "Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo", In: C.A. Gonçalves e M.L. Leitão de Almeida (Orgs) *Língua portuguesa. Identidade, Difusão e Variabilidade*. UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, pp. 87-113.
- MOTA, M., (2001), "Variação e diversidade linguística em Portugal" In Mateus, M.H. (Coord.) *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*, Lisboa, Colibri, pp. 27-34.
- NARO, A. e M. Scherre, (1999), "Concordância variável em Português: a situação no Brasil e em Portugal", *Anais do 2º Congresso Nacional da ABRALIN*.
- NARO, A. e M. Scherre, (2000), Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: J. McWhorter (Org.), *Language change and language contact in pidgins and creoles*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, v. 21, pp. 235-255.
- PERES, J. e T. Móia, (1995), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho.
- SCHERRE, M., (1992), "Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados", In: M. C. Mollica (Org.), *Introdução à Sociolinguística Variacionista*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, pp. 121-142.
- SCHERRE, M. e A. Naro, (2003), "Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul", In: M. C. Mollica e M. L. Braga. (Orgs), *Introdução à Sociolinguística - o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, pp. 147-178.
- SCHERRE, M., Naro, A, Cardoso, C., (2007), "O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro", *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 23, pp. 283-317.
- SCHERRE, M., 1994, "Aspectos da concordância de número no português do Brasil", *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, v. 12, pp. 37-49.
- SCHERRE, M. e A. Naro, 1997, "A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente", In: D. Hora, *Diversidade linguística no Brasil*, João Pessoa, Idéia, pp. 93-114.
- SEGURA da Cruz, M. L. e J. Saramago, (1999), "Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais", I. H. Faria (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Edição Cosmo/Faculdade de Letras, pp. 706-738.
- TAGLIAMONTE, S. (2006), *Analysing Sociolinguistic Variation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- WEINREICH, U., Labov, W. e Herzog, M., (1968), "Empirical foundations for a theory of language change", In: W. P. Lehmann e Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics: A symposium*, Austin, University of Texas Press, pp. 95-188.